

JOEL SILVEIRA: traços da história de um jornalista sergipano na imprensa carioca

Simone Paixão Rodrigues*

RESUMO

O presente artigo procurou compreender a trajetória de vida de Joel Silveira, um jornalista sergipano que atuou na imprensa carioca e, é reconhecido como um dos fundadores do jornalismo literário brasileiro. Para alcançar tal objetivo recorri a uma pesquisa bibliográfica e documental e adotei uma arquitetura textual que descortina atuação de Joel Silveira na imprensa estudantil de Sergipe e a sua formação intelectual e profissional. Assim, apresento traços biográficos desse jornalista que operou com maestria na arena do jornalismo brasileiro e se revelou como um sujeito sócio-histórico dono de uma identidade e singularidade constituída a partir de suas práticas sociais e culturais.

Palavras-chave: Joel Silveira; Imprensa Carioca, Sergipe.

JOEL SILVEIRA: history's traces of a journalist from Sergipe in the press of Rio de Janeiro

ABSTRACT

This article sought to understand the trajectory about life of Joel Silveira, a journalist from Sergipe who has served in the press Rio de Janeiro, and he is recognized as one of the founders of Brazilian literary journalism. To achieve this objective I have resorted to a bibliographical research and documentary and I have adopted an architecture text that reveals the activities of Joel Silveira on student press of Sergipe and his intellectual and professional training. So, I present biographical traits of this journalist who has operated with mastery in the arena of Brazilian journalism and has revealed himself as a socio-historical subject owner of an identity and uniqueness recognized from their social and cultural practices.

Keywords: Joel Silveira; Press Rio De Janeiro, Sergipe.

* Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Sergipe.

APRESENTAÇÃO INICIAL

“Seu Silveira, me faça um favor de ordem pessoal. Vá para a guerra, mas não morra. Repórter não é para morrer, é para mandar notícias”.¹ Estas foram as palavras que Joel Silveira ouviu logo após ter sido indicado por Assis Chateaubriand, proprietário do “Diários Associados”, jornal carioca, para acompanhar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) à Itália, na função de correspondente de guerra, durante os momentos finais da Segunda Guerra Mundial.

Em seus livros e entrevistas, Joel Silveira sempre argumentou que nunca soube a razão de terem o escolhido para esse trabalho, pois no “Diários Associados” existiam repórteres bem mais experientes e reconhecidos. Segundo ele, já “havia lá o Carlos Lacerda que queria ir, o David Nasser queria ir, o Edmar Morel, vários queriam ir”.² A resposta para esta pergunta que tanto inquietou Joel Silveira nunca foi dada, mas a sua ida à Itália o tornou mais conhecido no meio jornalístico e lhe rendeu inúmeros livros e textos dignos de prêmios como: Machado de Assis, Líbero Badaró, Prêmio Esso Especial, Prêmio Jabuti e o Golfinho de Ouro.

O trabalho como correspondente de guerra, aos 26 anos, situa Joel Silveira na história do jornalismo brasileiro como sendo o jornalista mais novo a cobrir uma guerra. Ele acompanhou a FEB na frente de batalha e levava sempre consigo a máquina de escrever como a companheira inseparável que estaria pronta, a qualquer momento, para registrar fatos importantes da Segunda Guerra Mundial. O jovem e destemido jornalista enviava “seus textos diariamente por telégrafo (como gozava de franquia telegráfica, um serviço caro naquela época, chegava a ter textos seus publicados às vezes no mesmo dia em que os redigia na Itália)”.³

¹ SILVEIRA, Joel. *O Inverno da Guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 24.

² SILVEIRA, Joel. *O Inverno da Guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 24.

³ MIRANDA, Fernando Albuquerque. *Jornalismo, guerra e reprodutibilidade técnica: um estudo sobre os impactos e as influências do cinema e da televisão em livros-reportagem sobre guerras*. São João Del-Rei: Universidade Federal de São João Del-Rei, 2007. Programa de Pós-graduação em Letras. (Dissertação de Mestrado), p. 81.

Optei iniciar pela apresentação de Joel Magno Ribeiro da Silveira a partir de uma das suas experiências profissionais como correspondente de guerra, por ser esta, talvez, a de maior projeção nacional e a que lançou seu nome na arena do jornalismo brasileiro. A sua atuação como correspondente de guerra, não subtraiu o valor e significância de seus outros trabalhos realizados como jornalista e repórter na imprensa carioca. Pelo contrário, a posição de correspondente legitimou muitos dos seus trabalhos, sobretudo o seu desempenho como jornalista cronista, que lhe rendeu o título de fundador do jornalismo literário do Brasil, mesmo sendo ele contrário a tal título⁴.

Ao indicar Joel Silveira como um fiel representante dessa relação entre jornalismo e literatura, o pesquisador Miranda (2007) corrobora com os estudos de Ferrari (2011) por demonstrarem a peculiaridade da escrita de Joel Silveira nos contos e reportagens, que o transformou em uma figura de destaque na imprensa brasileira. As suas famosas reportagens e, sobretudo, os textos produzidas por meio de sua experiência como correspondente de guerra o consagraram como um jornalista, com mais de cinquenta anos de militância na imprensa brasileira.

Desse modo, o presente artigo procurou compreender a trajetória de vida de Joel Silveira, um jornalista sergipano que atuou na imprensa carioca e, é reconhecido como um dos fundadores do jornalismo literário brasileiro. Para alcançar tal objetivo recorri a uma pesquisa bibliográfica e documental e adotei uma arquitetura textual que descortina atuação de Joel Silveira na imprensa estudantil de Sergipe e a sua formação intelectual e profissional.

⁴ “Há registrado na história um trânsito entre escritores e jornalistas pelas páginas dos jornais e dos livros. Machado de Assis e Lima Barreto [...] foram dois dos que realizaram esse trânsito no Brasil numa época (final do século 19 e início do 20) em que as profissões de jornalista e escritor praticamente se confundiam no país. Essa convivência forma o sincretismo entre literatura e jornalismo, responsável pela configuração do que se convencionou chamar de Jornalismo Literário mais recentemente. Nessa corrente, Joel Silveira é tido como um dos pioneiros e Sérgio Dávila como mais um a contribuir para que a tradição se mantenha de pé no Brasil” MIRANDA, Fernando Albuquerque. Uma conversa com Joel Silveira. In: Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo: 2007, p. 66.

Filho do meio, do casal Ismael Silveira, comerciante, e Jovita Ribeiro, professora primária, Joel Silveira nasceu em 23 de setembro de 1918. O local de seu nascimento ainda não está bem definido, pois muitos de seus biógrafos revelam que existe uma dúvida sobre sua naturalidade. Muitos informam que ele é natural da cidade Lagarto, município sergipano, localizado na região Centro-Sul do Estado. Outros afirmam que sua cidade natal é Aracaju, capital sergipana. O que se pode afirmar é que Joel Silveira não fazia muita questão de ser reconhecido como filho de Lagarto, mas de Aracaju. E era como natural de Aracaju que ele se apresentava por onde passava.⁵

A vida estudantil do jornalista sergipano é marcada por histórias de rebeldia e ousadia. No Colégio Tobias Barreto,⁶ do qual foi expulso por mau comportamento, iniciou seus estudos no curso ginásial. Sobre sua vida escolar nessa instituição e os motivos da expulsão, Joel Silveira explicou que:

havia sido expulso do Tobias Barreto, logo no primeiro ano ginásial. Aos trezes anos, eu já tinha em Luiz Carlos Prestes o meu ídolo, trazia escondida no fundo da gaveta a foto, cortada de um jornal carioca, do Cavaleiro da Esperança, me inflamava com as histórias que lia ou escutava sobre as andanças da Coluna. Certa manhã, na aula do professor de Geografia, Luiz de Figueiredo Martins, pai de Jackson de Figueiredo, jovem líder católico já famoso, como o professor tivesse se desviado do assunto da aula e passasse a xingar Prestes de tudo que era feio, não me contive. Levantei-me e gritei, para espanto dos colegas (um deles, católico de medalhinhas no pescoço, chegou a se benzer).

– Viva a Luiz Carlos Prestes! Viva o Cavaleiro da Esperança!

Numa só carreira, cruzei o portão, atravessei a praça até minha

5 BARRETO, Luiz Antônio. Joel Silveira e Paulo Dantas. In: *Infonet*, 16 de agosto de 2007.

6 MANGUEIRA, Francisco Igor de Oliveira. *Colégio Tobias Barreto: Escola ou Quartel (1909-1946)*. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação. UFS, 2003, (Dissertação de Mestrado).

casa, do outro lado. [...] À tarde apareceu lá em casa um enviado do professor Zezinho Cardoso, dono do Colégio. Trazia um papel datilografado e assinado, que entregou à minha mãe. Minha Mãe leu e releu as poucas linhas datilografadas, empalideceu: era a minha expulsão.⁷

Após sua expulsão do Colégio Tobias Barreto, Joel Silveira foi matriculado no Atheneu Sergipense, no ano de 1934, após ter prestado o exame de primeira época, da 3ª série do curso ginásial, no qual obteve excelentes notas que foram registradas no livro de atas de exames de admissão.

Como aluno dessa instituição, o jovem Joel não só idealizou e fundou o Grêmio Literário Clodomir Silva, como também criou o Jornal “*A Vóz do Atheneu*”, órgão oficial do referido grêmio. Nesse impresso estudantil, o iniciante jornalista não só foi o diretor, como também um dos principais redatores. Foi nesse jornal que deu seus primeiros passos rumo ao mundo da imprensa.

Como diretor desse impresso estudantil, Joel Silveira possibilitou que a juventude tivesse um espaço para publicar seus textos literários que se dividiam entre poemas, poesias, contos, artigos e outros. No nº 5, do jornal “*A Vóz do Atheneu*”, publicado em 13 de julho de 1934, Joel Silveira junto com o então secretário do jornal, o também estudante, Jaguanharo Passos, organizaram uma edição em comemoração a 13 de Julho em Sergipe, na qual homenagearam o Major Augusto Maynard.⁸ Nessa edição, Joel Silveira publicou um texto de sua autoria,

⁷ SILVEIRA, Joel. *Na Fogueira*: memórias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 21-22.

⁸ “Em Aracaju, quatro oficiais, entre os quais o tenente Augusto Maynard Gomes, acompanhado de soldados, saíram da sede do 28º BC na madrugada de 13/07/1924, investiram contra o Quartel da polícia e o Palácio, mataram dois sentinelas, prenderam o presidente do Estado, vários de seus auxiliares e formaram uma Junta Governativa. Lançaram proclamação ao povo sergipano e dominaram o Estado por 21 dias. Ao final, tropas do 20º BC., 22º BC., comandadas pelo general Marçal Nonato de Faria da 6ª Região Militar, vieram a Sergipe e o movimento desfez-se sem enfrentamento sangrentos. Graccho Cardoso foi reempossado e como representante da ordem vigente revelou-se adversários dos tenentes” (DANTAS, 2004, p. 42)

comemorando essa data, intitulado “Sinceridade”, no qual apresenta o Major Maynard como um dos grandes heróis da história, chegando a colocá-lo no mesmo nível de Napoleão Bonaparte, Alexandre da Macedônia e César.

De acordo com o texto Sinceridade:

Há homens que já nascerá fadados para os grandes empreendimentos:

Napoleão

Alexandre

Washington

No Brasil, desde que apareceram os primeiros raios da Aurora Libertadora, desde que os pulsos dos seus filhos ficaram arroxeados ao quebrar dos grilhões da Opressão, surgiram membros que são como verdadeiros pontos de ouros que a dourar nosso solo, as nossas ideias.

Getúlio Vargas

João Pessoa

Augusto Maynard, são exemplos.

O primeiro, emulo de Washington, de Mirabeau, de Danton – Um libertador.

O segundo, emulo de Reland, de Chenier de Desmoullins – Um mártir.

O terceiro, personagem que lembra Napoleão, que se vê com a corôa de loiros de César e com o centro de conquista de Alexandre.

Todos grandes.

Todos heróis.

Todos vencedores

Todos dignos de serem chamados de BRASILEIROS!⁹

A leitura desse poema, leva-nos a perceber a capacidade intelectual

⁹ SILVEIRA, Joel. Sinceridade. In: *A Vóz do Atheneu*, n° 5, 13 de jul de 1934.

do jovem estudante que, com muita destreza, no uso das letras e com a biografia dos homens consagrados como heróis da história brasileira e mundial. Como estudante do Atheneu Sergipense, sempre foi visto como um excelente aluno e orador. Palestrava, recitava poemas e circulava entre as redações dos jornais sergipanos para divulgar as atividades realizadas pelo Grêmio Literário Clodomir Silva.

Os discursos proferidos por Joel Silveira eram mencionados na imprensa sergipana sempre acompanhados de adjetivos que só engrandeciam ainda mais a imagem do promissor estudante. Apreciável, brilhante, belíssimo e eloquente foram as palavras mais marcantes nos registros das impressões dos jornalistas sergipanos sobre a atuação de Joel como orador.

No ano de 1937, após concluir seus estudos secundários no Atheneu Sergipense, Joel Silveira, contrariando a vontade de seus pais, matriculou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. A decisão de cursar essa faculdade foi motivada pela necessidade que o jovem sentia de continuar seus estudos e o temor de terminar sua vida como balconista da loja de seu pai, localizada no centro de Aracaju. Sobre essa decisão, argumentou Joel:

Um dos motivos por que fui embora de casa era aquela tortura das feiras aos sábados. Tortura não apenas do peso do cesto na cabeça, mas a humilhação de esbarrar na rua com amigos ou uma namorada. E do mercado até lá em casa, você sabe, era uma caminhada de mais de um quilômetro, atravessando todo o centro da cidade. Muitas vezes eu procurava atalhos, que encompravam o caminho, mas evitavam os encontros desagradáveis.¹⁰

No dia 05 de fevereiro de 1937, Joel embarcou no navio Itanagé rumo ao Rio de Janeiro. Em suas memórias, relatou que as despedidas de seus familiares foram frias. “Minha mãe me abraçou, deu aqueles

¹⁰ SILVEIRA, Joel. *Na Fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 25.

conselhos que toda mãe dá, mas nada de choradeira. Meu pai disse apenas: – Procure logo um emprego, para custear seus estudos”.¹¹

A dura frieza presente na despedida de seus pais era um sentimento comum na sua conflituosa relação paterna. Em seus livros de memórias e entrevistas, a figura de seu pai, Ismael, é sempre recordada em meio a palavras de rancor e dor. A educação paternal marcada por castigos e com trabalhos duros na loja e na feira, misturava-se à proteção materna que buscava poupá-lo dos árduos castigos. Sem o consentimento do pai e impulsionado pelo desejo de traçar uma história de vida diferente das histórias de muitos de seus parentes e amigos, Joel Silveira embarcou para o Rio de Janeiro no início do ano de 1937.

A CONSAGRAÇÃO COMO JORNALISTA NA IMPRENSA CARIOCA

Os primeiros anos no Rio de Janeiro foram difíceis e sem muito conforto. Inicialmente, Joel dividiu um quarto apertado de pensão com um amigo e enfrentou inúmeras dificuldades para se manter. Em seu primeiro dia de aula, na Faculdade de Direito, ficou decepcionado com tudo que viu, desde a estrutura física do prédio, que segundo ele não passava de uma verdadeira pocilga, às enfadonhas aulas. Relatou que, ao entrar na faculdade:

[...] não sabia o que em mim era maior: se o espanto ou desapontamento. Na minha imaginação, a Faculdade me aparecia como um edifício enorme, austero, bem-cuidado, com dezenas de janelas e portas abertas para um pátio amplo ou mesmo para um jardim, e tudo limpo, pintado, madeira envernizada, metais reluzentes. E aquele casarão era exatamente o contrário, com a sua fachada de um cinza manchado e de onde o reboco que se soltava deixando à mostra grandes manchas de tijolos nus. Encimando o portão lá estava, ridiculamente pretensioso, o le-

¹¹ SILVEIRA, Joel. *Na Fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 49.

treiro de letras negras sobre um fundo que outrora já fora branco:
FACULDADE DE DIREITO DO RIO DE JANEIRO.¹²

Desestimulado com a Faculdade de Direito e cada vez mais entusiasmado com a possibilidade de trabalhar na imprensa, Joel frequentava cada vez menos as aulas e amadurecia a ideia de trancar a matrícula. Em setembro do ano de 1937, após retornar de Aracaju, devido ao sepultamento de seu pai, Joel trancou a matrícula e nunca mais retomou os estudos na Faculdade de Direito.

Sobre o início da sua caminhada pelas redações dos diversos e importantes jornais da então capital do país, Joel nos conta que começou como datilógrafo na redação da “Revista Ferrovia”, emprego que conseguiu através do contato que manteve como um dos redatores da revista, o italiano Vicente Calamille, a quem conheceu quando este em visita a Aracaju, assistiu uma sessão solene do Grêmio Literário Clodomir Silva, no ano de 1936. Na ocasião, o italiano, que mantinha importantes contatos com empresários do Sul, encantou-se com Aracaju e foi recebido pelo governo do estado com todas as pompas dignas de um visitante ilustre.¹³

Também por intermédio do Sr Vicente Calamille, Joel Silveira conheceu o jornalista Escragnolle Taunay, diretor supervisor das publicações do complexo jornalístico capitaneado pelo diário “A Noite”, do qual faziam parte as revistas “Vamos Ler”, “Carioca” e a “Noite Ilustrada”. No dia em que conheceu o jornalista, o jovem Joel, orientado por Sr. Vicente, entregou a novela “Desespero”, escrita por ele, em meados de 1936, e apresentada em um concurso literário do Atheneu Pedro II, no qual ficou em primeiro lugar. Dias depois quando chegou à redação da “Revista Ferrovia”, Joel foi surpreendido com a publicação de sua novela na revista “Vamos Ler”. Declarou ele que ao chegar à redação da “Ferrovia”,

¹² SILVEIRA, Joel. *Na Fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 63.

¹³ SILVEIRA, Joel. *Memórias de Alegria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

“seu” Calamillei, um jubilo só, nem respondeu ao meu cumprimento, foi logo dizendo: – Já leu a “Vamos Ler” de hoje? Comprei quatro, dois para você. Veja nas páginas 15, 16, 17.

Abri a revista, o coração aos pulos, e lá estava, nas páginas iniciadas, a minha história com uma ilustração de Jerônimo Monteiro. DESESPERO. E logo em baixo eu Joel Silveira em tipo menor, mas ainda bem graúdo, dentro de um retângulo de 10 por 2 centímetros [...]

Nunca mais esqueci aquele dia.¹⁴

A alegria que Joel Silveira sentiu ao ver pela primeira vez um texto de sua autoria estampando as páginas de uma revista carioca justifica-se pelo fato de que naquele momento não era só mais uma publicação insignificante de um escritor desconhecido na “Vamos Ler”, mas o nascimento de um jornalista e cronista sergipano em terras desconhecidas.

Depois dessa publicação, outros escritos de Joel continuaram a estampar as páginas da revista, dentre eles: “Danton – Histórias de duas índoles”, “Diderot”, “André Chenier – o helênico da Revolução Francesa”. Por todas essas publicações, o jovem escritor começou a ser remunerado, o que contribuiu muito para sua permanência no Rio de Janeiro.

Em maio de 1937, Joel publicava pela primeira vez no jornal *Dom Casmurro*, um pequeno texto intitulado “Começou a primavera”, no qual descreveu com detalhes minuciosos as suas primeiras impressões do Rio de Janeiro. Com essa publicação, o iniciante jornalista foi contratado como um dos colaboradores do jornal que acabava de ser fundado. “Tratava-se, portanto, de um novo jornal para um novo jornalista”.¹⁵ Sobre esse ambiente de trabalho Joel escreveu que:

¹⁴ SILVEIRA, Joel. *Na Fogueira*: memórias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 91-92.

¹⁵ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 64.

A fauna que povoava a redação do “Dom Casmurro” poderia ser dividida em duas espécies distintas: a dos residentes e a dos “de passagem”. Eu me incluía na primeira, juntamente com Danilo Bastos e Wilson Lousada. Éramos “os meninos do Brício”, como nos chamavam na José Olympio e no Café Amarelinho”, este um reduto de Mario de Andrade e de sua corte de jovens literatos. Os “de passagem” eram numerosos – quem não passava por lá? Romancistas, poetas, ensaístas, contistas, gente já consagrada ou iniciantes, dava de tudo.¹⁶

No jornal *Dom Casmurro*, Joel Silveira esforçou-se para, em pouco tempo, tornar-se um dos principais jornalistas colaboradores e, meses depois, já ocupava a cadeira de redator, mas tal posição não lhe garantiu o reconhecimento por suas produções entre os editores. Inicialmente, seus textos ocupavam as colunas de menor destaque do jornal. “As pequenas notas e crônicas que escrevia apareciam na parte inferior e nos cantos das páginas”.¹⁷

A reduzida projeção que seus textos ocupavam no corpo do impresso não durou muito tempo. Um ano depois, ele já era o responsável pela seção “Aconteceu nesta semana...” que acolhia crônicas sobre o cotidiano carioca. “Quando Joel Silveira tornou-se responsável por ANS, a seção passou a ocupar lugar mais destacado nas páginas do jornal. Ele assinou até meados de 1939, quando a ANS deixou de existir.”¹⁸

A sua passagem como colaborador, redator, assinante de seção, crítico literário e secretário do *Dom Casmurro* nunca foi considerada por ele como um emprego, mas como um lugar em que os iniciantes no universo do jornalismo, “podiam publicar, conversar, conhecer gente,

¹⁶ SILVEIRA, Joel. *Na Fogueira*: memórias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 133.

¹⁷ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 66.

¹⁸ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 66.

telefonar e, de um certo modo, terem um endereço fixo, no melhor local da cidade, onde podiam ser encontrados o dia inteiro”.¹⁹

É certo que Joel Silveira não considerava suas atividades no “Dom Casmurro” como laborativas, mas o fato é que sua permanência por quase três anos, na redação, desse impresso, ocupando as mais variadas funções, renderam-lhe experiências que o tornou mais conhecido no cenário jornalístico. A experiência e a notoriedade como jornalista garantiram-lhe o convite para atuar como um dos redatores da revista “Diretrizes”.

De acordo com Ferrari (2011), os motivos que o levaram à troca do hebdomadário de Brício de Abreu pelo periódico de Samuel Wainer ainda não foram bem esclarecidos, uma vez que as páginas de suas memórias não trazem quaisquer referências a sua mudança na trajetória. Contudo, o mesmo autor explica que no momento em que Joel Silveira foi convidado a fazer parte do quadro de jornalista, a revista “Diretrizes” passava por várias mudanças que faziam parte de uma série de “reestruturações empreendidas no periódico, possibilitada pelo Maurício Goulart, tornando cada vez mais dinâmico com o aumento de número de seções, reportagens e ilustrações”.²⁰

Certamente, o que não deve deixar de ser considerado é que Joel Silveira soube fazer uso das oportunidades de trabalho nas redações de jornais e revistas pelos quais passou. Na revista “Diretrizes”, não atuou só como redator, mas também assinou textos de dois gêneros específicos: reportagens e literários, estes últimos se dividiam em crônicas e contos. “É preciso salientar que as reportagens de Silveira em “Diretrizes”, pareciam mais entrevistas, visto que exprimia, basicamente, uma conversa com sujeitos/temas das matérias”.²¹

¹⁹ SILVEIRA, Joel. *Na Fogueira*: memórias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 147.

²⁰ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 124

²¹ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 134.

A sua atuação nessa revista propiciou-lhe o reconhecimento como repórter na longa e prestigiosa carreira de jornalista que construiu. O jovem “jornalista de pouco de mais de vinte anos registrou em suas impressões do ofício como forma de construir sua nova identidade e diferenciar-se das demais profissões”.²² Como repórter da “Diretrizes”, Joel Silveira adotou práticas, as quais ele justificava como peculiares ao ofício do bom repórter e “afirmou ter se apropriado de alguns documentos dos entrevistados sem que eles percebessem, para publicar nas reportagens sem autorização dos indivíduos sobre os quais escreviam”.²³ Sorrateiramente, Joel apropriava-se de cartas, diários pessoais, fotos dos seus entrevistados, dentre eles, o literato Monteiro Lobato. Segundo Ferrari (2011),

na entrevista com o escritor Monteiro Lobato, após ter sido convidado a conhecer o escritório do autor, Joel Silveira descreveu uma mesa de cartas que Lobato organizava para uma futura publicação. Lobato não permitiu que o entrevistador se aproximasse das massivas, mas Silveira teria embolsado uma carta enviada ao literato pelo escritor Oswaldo Orico.²⁴

Ao publicar a entrevista realizada com Monteiro Lobato, Joel descreveu trechos da referida carta e justificou que todo bom repórter deveria ter audácia e sede de aventura como características principais. Os atributos defendidos por ele apresentavam-se dentro da construção da sua identidade como repórter, que por um lado, garantiram-lhe

²² FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 137.

²³ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 137.

²⁴ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 137-138.

grandes elogios por parte de seus diretores e por outro, despertaram a desconfiança dos seus entrevistados.

Contudo, o que se pode concluir é que Joel Silveira como repórter da Revista “Diretrizes” iniciou a construção da sua imagem no jornalismo brasileiro como um repórter que sabia fazer uso das palavras, destacando em seus inúmeros textos “emoções, simplicidade, linguagem poderosa e denúncia”.²⁵ Vale lembrar, que no momento em que Joel começava construir a sua imagem como repórter heróico e polêmico, essa profissão ainda não estava definida e estruturada. Tal fato aumenta ainda mais sua importância dentro da construção e consolidação da profissão de repórter no Brasil.

O profissional polêmico e heróico ganhou notoriedade na arena do jornalismo brasileiro e a sua atuação nas reportagens transformou sua escrita que deixava de ser literária e passava a ser mais ligada ao fato jornalístico. As reportagens publicadas por Joel Silveira, sobretudo o texto intitulado “Grã finos em São Paulo”, no qual o autor descreve com doses de “humor e ironia a luxuosa vida da sociedade economicamente abastada de São Paulo”,²⁶ chamaram a atenção de jornalistas, diretores e proprietários de jornais, dentre quais estavam Assis Chateaubriand, dono do *Diários Associados*, que não demorou a convidá-lo para fazer parte do seu quadro de repórter.

A fama resultante dessa matéria também lhe rendeu a admiração de um importante leitor, o então presidente Getúlio Vargas. Tal texto retrata como ele “— um sergipano mais para o tipo rude e de sotaque nordestino inescandível — contou suas incursões, disfarçado de “gentleman”, pelos salões das famílias quatrocentonas paulistas”.²⁷

²⁵ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 138.

²⁶ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 143.

²⁷ NEGREIROS, Gilberto. O Estado Novo e o Getulismo. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 09 de jan de 1970. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_5.htm Acesso em: 20 de dez de 2012, p. 1.

O convite feito por Assis Chateaubriand só foi aceito em 1942 quando a revista “Diretrizes” fechou as portas e Joel Silveira ficou desempregado. Sobre a sua ida para redação do *Diários Associados*, Faro (s/d), explica que Assis Chateaubriand buscou recrutar para suas redações os melhores jornalistas e repórteres brasileiros, a fim de formar um grupo seletivo de profissionais da imprensa para derrubar os seus concorrentes.

A participação de Joel na cadeia jornalística de Chateaubriand evidenciou ainda mais seu caráter de autor polêmico, demonstrada nas páginas do jornal *Dom Casmurro* e da revista “Diretrizes”, críticas e denúncias contra o Estado Novo, a ditadura de Vargas, ao nazifacismo e ao integralismo foram frequentes em seus escritos.

Alguns estudos que versaram sobre a figura jornalística de Joel Silveira não revelam se ele sofreu censura e se foi perseguido por Vargas.²⁸ Tais pesquisas indicam que os textos de cunho político escritos por ele, em alguns momentos, apresentaram críticas diretas a atuação do governo Vargas, demonstrando, assim, a sua forte oposição a tal governo. A ausência de registro de censura e perseguição política que Joel Silveira possa ter sofrido por parte do governo Vargas justifica-se por ele fazer parte de um grupo forte do jornalismo carioca, liderado por Assis Chateaubriand, que primou pela construção de uma memória social do período varguista.

Contudo, o que se pode afirmar é que a atuação de Joel Silveira no grupo editorial do *Diários Associados* foi marcada por uma escrita que atendia aos interesses do grupo. E, mesmo sendo dono de uma personalidade forte e marcada por relevantes traços de ironia, o sagaz jornalista soube fazer uso do espaço que tinha nos editoriais desse grupo e acalmar os seus ânimos que teimavam em tecer críticas ao governo de Vargas.

Em 1952, após fundar o jornal *Comício*, junto com seus colegas Rubem Braga e Rafael Corrêa de Oliveira, o jornalista ganhou espaço e liberdade para expressar de forma incisiva sua oposição a Getúlio Vargas.

²⁸ Cf: Ferrari (2011) e Miranda (2007)

Reconhecido como um impresso que engrossou o coro de oposição e inimigos de Vargas, o *Comício*, teve um tempo efêmero marcado por apenas dezessete números. A momentânea circulação desse jornal não impediu que suas páginas registrassem a colaboração de dezenas de escritores e jornalistas que despontavam no cenário cultural do Brasil, tais como Millôr Fernandes, Tiago de Melo, Fernando Sabino e Clarice Lispector²⁹.

Se por um lado Joel Silveira escrevia externando sua oposição ao governo de Getúlio Vargas, por outro o definia como uma das maiores personalidades que ele conheceu e a que mais o impressionou. Em entrevista à revista *Aventuras na História* relatou uma cena que viveu quando foi entrevistar Getúlio Vargas:

[...] Teve o caso da entrevista que fui fazer com ele e quando me recebeu, inicialmente para uma conversa, me chamava de “doutor Silveira”, mas, quando lhe entreguei as perguntas, aquele homem educado, bem vestido, cheirando a colônia inglesa se transfigurou. Empurrou aquela cadeira enorme da presidência para trás, jogou o papel na minha direção e disse: “O senhor trate disso com o doutor Lourival (Fontes, ministro da Propaganda de Vargas)”. Foi-se embora, nem me estendeu a mão. A postura dele me impressionou muito.³⁰

Sempre que era questionado sobre suas reportagens e entrevistas realizadas com personalidade políticas, religiosas e artísticas, ele externava suas impressões sobre eles. Quando lhe perguntaram como foi entrevistar o Papa Pio XII, revelou que ele foi a personalidade mais idiota que tinha conhecido em toda a sua vida de repórter. Foi este tom de sinceridade e ironia que marcou as entrevistas concebidas a ele. Como

²⁹ Cf. FERRARI, 2011.

³⁰ CASTRO, Márcio Sampaio de. Joel Silveira, no front com o Brasil. *Revista Aventuras na História*. 01 de set de 2006. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/joel-silveira-front-brasil-434854.shtml> Acesso em: 18 de dez de 2012.

repórter do *Diários Associados* recebeu a alcunha de “Víbora” do seu chefe Assis Chateaubriand por escrever seus textos com requintes de ironia, crítica e denúncia.

Os requintes de detalhes presentes em boa parte dos seus escritos foram mais evidentes em suas reportagens como correspondente de guerra. Tais reportagens foram marcadas por narrações descritivas dos fatos que causavam no leitor a impressão de viver a cena descrita por ele. No seu célebre livro “O inverno da Guerra” que traz uma coletânea das reportagens feitas no momento em que os fatos estavam ocorrendo na Segunda Guerra Mundial, ele narrou com detalhes a cirurgia de um soldado brasileiro. Escreveu:

Vejo o bisturi rasgar o baixo-ventre do pracinha, vejo seu sangue vermelho e grosso empapar as mechas de algodão, vejo sua carne rubra se abrir numa ferida profunda. A mão direita, estraçalhada pelos estilhaços, foi entregue a outro cirurgião brasileiro, um rapaz pálido e de óculos.³¹

A escrita de Joel denota uma preocupação com a estética e com o processo narrativo comprometidos com os esmeros das cenas reais que seus olhos registravam, os textos do astuto jornalista desvendam seu empenho e capacidade de apreender o episódio instantâneo e o real do cenário em que vivia e (d)escrevia em suas reportagens de guerras. Sobre a descrição dos fatos presentes em seus escritos, Joel Silveira revelou em entrevista que

[...] era o mais preciso possível, com detalhes, tal e coisa. No caso de Monte Castelo, eu fui o único correspondente a chegar com a Divisão Brasileira, o 7º Regimento Brasileiro, lá no topo do Monte Castelo compreendeu? E de lá mesmo eu já mandei. Escrevi lá na mesa. Havia tiroteio. Porque o ataque ao Monte

31 SILVEIRA, Joel. *O Inverno da Guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 136.

Castelo começou às 5 da manhã e terminou às 5 da tarde né? E lá todo mundo tremendo ainda de nervosismo né? Eu escrevi lá mesmo porque lá em cima do Monte Castelo havia uma granja, de um camponês que cultivava cevada, e lá que os alemães tinham se escondido, se aquartelado. Eu botei a máquina, porque sempre que andava eu ia com minha máquina né, e lá mesmo em Monte Castelo eu escrevi a reportagem [...].³²

Sobre o seu estilo de escrita, Joel Silveira sempre apresentou uma defesa contundente diante das características que lhes foram atribuídas. O tom literário e preciso de seus escritos o classificou como um dos fundadores de um novo jornalismo marcado por detalhes dos fatos reais e de um texto literário. Seus biógrafos, leitores e comentadores que o filiaram a uma linhagem literária que imperava nos anos de 1930 e tinha como fiéis representantes a família Katherine Mansfield, Ribeiro Couto e Marques Rebelo. Em entrevista, ele se defendeu:

[...] Disseram que eu fui o criador do jornalismo literário, ou do novo jornalismo, compreendeu? Mas nunca nenhum deles me acusou de trair o fato. Eles se referem apenas à minha maneira de escrever, compreendeu? Que é muito minha, não tive influência de ninguém. Eu comecei a escrever, a fazer jornal, com 14 anos de idade. Vim para o Rio com 19, nunca tive influência nenhuma, e as coisas que eu lia era Machado de Assis, já tinha o Graciliano. Eu sempre gostei dos bons escritores, mas nunca me influenciaram, mesmo porque o Graciliano não tem nada a ver com jornalista. Foi espontâneo, nasceu em mim. Não me ensinaram a escrever como eu escrevo, compreendeu?³³

³² MIRANDA, Fernando Albuquerque. Uma conversa com Joel Silveira. In: *Congresso Nacional de História da Mídia* – São Paulo: 2007, p. 4.

³³ FARO, J. S. Realidade (1966-1968): tempo da reportagem na imprensa brasileira. In: *Revista Realidade*. s/d.

A defesa de Joel com relação ao seu estilo de escrita, o qual ele definiu como espontâneo e livre de qualquer influência de correntes literárias e escritores, revela o caráter de escritor ostentador da imagem de um repórter e contista que retirava do seu cotidiano cenas que ganhavam tons de realidade, a partir das palavras que desenharam as páginas de suas dezenas de livros.

A sua atuação como correspondente de guerra lhe rendeu fama que “também teve origem na construção da imagem que o jornalista quis legar de si e com o qual quis ser lembrado”.³⁴ De acordo com Ferrari (2011) os escritos de Joel Silveira publicados como opúsculos de memórias, reportagens, crônicas de guerras, textos de história do Brasil e contos desvela o seu propósito de construir uma auto-imagem adequada.

Nesses livros, “o jornalista produziu a imagem que se tem dele no presente e estabeleceu uma lógica para sua história de vida”.³⁵ Foram cerca de quarenta livros que expressam a sua perspectiva pessoal daquilo que presenciou e criou. Em entrevista sobre a importância do seu trabalho como repórter e jornalista mostrou-se muito satisfeito com tudo que produziu e viveu.

APRESENTAÇÃO FINAL

Por mais de 50 anos, Joel Silveira desempenhou a função de repórter e jornalista e colecionou admiradores, amigos e inimigos. Buscou através dos seus textos, manter fortes ligações com escritores, editores, artistas e políticos. Conheceu pessoalmente quase todos os presidentes brasileiros, dentre os quais estão Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e Tancredo Neves. Em suas entrevistas fazia questão de dizer que seu apartamento em Copacabana, no Rio de Janeiro, foi muito

³⁴ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 40.

³⁵ FERRARI, Danilo Wenselau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. Universidade Estadual Paulista, 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 27.

frequentado por quase todos os presidentes que conheceu. Conviveu com Mário de Andrade, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Monteiro Lobato e outros escritores de destaque no Brasil.

Entre os anos de 1954 e 1964, dirigiu o Serviço de Documentação do Ministério do Trabalho, no governo dos presidentes Café Filho, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Com o golpe militar, o jornalista perdeu o posto e foi preso por três vezes, devido à sua forte postura de opositor à ditadura, a qual era externada em suas reportagens.

Aos 80 anos, Joel Silveira se definiu como um teimoso que não pediu para vim e, também, não ia pedir para sair. Alcançou fama e reconhecimento como jornalista, profissão que começou a trilhar nas páginas do *Jornal A Vóz do Atheneu* quando era aluno do Atheneu Sergipense e presidente do Grêmio Literário Clodomir Silva.

O famoso jornalista sergipano, possuidor de uma escrita forte, ousada, envolvente e marcante que lhe rendeu o apelido de “A Víbora”, morreu aos 88 anos, no dia 15 de agosto de 2007. Seu corpo foi cremado, na cidade de Rio de Janeiro e a sua morte foi definida por muitos de seus colegas de profissão como uma lamentável perda para a imprensa brasileira, pois morria o fundador do jornalismo literário brasileiro.

Artigo recebido em 30 de março de 2013.

Aprovado em 20 de abril de 2013.